



ACADEMIA E TREINAMENTO DE OBREIROS

APOSTILA

DISCIPLINA: TEOLOGIA DA VOCAÇÃO



Vitor Paulo Abdias Soares



ACADEMIA E TREINAMENTO DE OBREIROS

CURSO BÁSICO EM TEOLOGIA

PROGRAMA GERAL DA DISCIPLINA

I. IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: Teologia da Vocação

Professor: Vitor Paulo Abdias Soares

Carga Horária: 30 horas/aula

Turma: Única

Ano: 2013

Créditos: 02

Turno: Diurno

Semestre: 2013.3

II. EMENTA

Vocação, seus conceitos e significado, distinções, dimensões, estilos e alicerce. Será considerada a vocação e o seu aspecto antropológico, bem como o exercício ministerial mediante os dons espirituais.

III. OBJETIVO GERAL

- Apresentar algumas perspectivas Bíblicas e Teológicas concernentes à Vocação, bem como diretrizes para sua prática no ministério eclesástico.

IV. OBJETIVO ESPECÍFICO

- Proporcionar aos alunos um aprofundamento nos conceitos básicos da teologia da vocação;
- Despertar o aluno a compreender a natureza de sua vocação;
- Compreender a relevância e a necessidade de se exercer o ministério mediante os dons de cada um;
- Apresentar aos alunos tendências e desafios teológicos, no âmbito eclesástico, para o exercício da vocação nos dias de hoje.

VI. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO.

Unidade I

- FUNDAMENTOS DA VOCAÇÃO
 1. Conceitos
 2. A origem da vocação
 3. Distinções gerais da vocação
 4. As dimensões da vocação
 5. Os estilos da vocação
 6. O alicerce da vocação

Unidade II

- A VOCAÇÃO EM SUA EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA.
 1. Hesitação e renitência na vocação
 2. Sinais da vocação
 3. A hora da vocação
 4. A participação humana na vocação
 5. Os pilares da vocação
 6. A crise na vocação

Unidade III

- A TEOLOGIA DA VOCAÇÃO E OS MINISTÉRIOS BASEADOS EM DONS.
 1. A necessidade do desenvolvimento dos ministérios baseados em dons.
 2. Transformando membros em ministros para o exercício de suas vocações.

VII. METODOLOGIA

- Aulas expositivas-dialogais utilizando o projetor de mídia
- Exercício de grupos
- Círculos de debates

VIII. AVALIAÇÃO

- Estudo individual: Levantamento dos dons espirituais mencionados nas Escrituras.
- Observação participativa e proveitosa do aluno
- Leitura da bibliografia básica

IX. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. Vocação; perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa – MG: Ed. Ultmato, 1997

X. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. Teologia da Vocação; temas fundamentais. São Paulo – SP: Edições Loyola, 2000

RIBEIRO, Américo J. A doutrina da vocação. Campinas – Ed: Luz Para o Caminho, 1987

Introdução

A má interpretação da vocação pessoal tem causado muita angústia: aos adolescentes que, antes de entrar no segundo grau, devem definir sua carreira futura; aos jovens ou menos jovens cristãos que, com sinceridade, querem servir a Deus, mas não têm o desejo de se tornar pastores; no entanto, entendem que ser vocacionado tem a ver com esse tipo de dedicação exclusiva e específica ao ministério; aos que desejam servir, mas que ainda não descobriram seus dons, são tímidos, inseguros, pessoas fiéis e sinceras que ocupam os bancos das igrejas, mas lhes falta confiança para aceitar uma tarefa ou reconhecer que estão sendo uma bênção no seu cantinho; aos que sabem que Deus os está chamando, mas que resistem, por sentirem um tremendo temor: Deus vai me levar ao lugar mais horrível do mundo... Deus vai querer que me case com uma pessoa consagrada, que não me atraina... Muita confusão, muita angústia, muita desinformação. Isso leva ao pastorado pessoas que não têm vocação para o ministério pastoral. Leva ao campo missionário pessoas com grande entusiasmo, mas que são como soldados de chocolate, que logo se derretem e se desfazem, deixando manchas e muita tristeza. Leva outros a buscar sinais sobrenaturais, enquanto que Deus já mostrou sua vontade. Leva pessoas chamadas e capacitadas a ficar de longe, observando a obra de Deus, sem coragem de se envolver.

A ignorância ou uma visão reduzida ou distorcida do que seja vocação tem sido um dos principais problemas que a Igreja, por longos anos, tem enfrentado e que tem gerado ineficiência e irrelevância da Igreja em muitos lugares. Muitos estão inseridos na Igreja, como destacou Robinson Cavalcanti, "como alguém que está na sala de embarque, esperando sentado, a hora do vôo", ou em outras palavras, o evangelho "pé na cova", como enfatiza Carlos Queiroz, é um evangelho pregado apenas para preparar as pessoas para vida pós morte; esquece-se que parte significativa do evangelho diz respeito ao preparo para vida, para o exercício do ministério que cada um possui no mundo para o cumprimento da vocação que Deus designou a cada um.

A responsabilidade maior dessas confusões e incompreensões reside na própria liderança da Igreja, que quando não é despreparada, desconhecendo a maneira de como a Igreja deve atuar apresentada no Novo Testamento, é, não poucas vezes, apaixonada pelo poder mundano; desenvolvendo um ministério centralizador e personalista.

A liderança da Igreja não existe para entreter ou fomentar um orgulho vaidoso de suas instituições, mas, como diz Paulo aos Efésios, "preparar os santos, para obra do ministério..." (Ef 4:12). A tarefa dos líderes cristãos reside em orientar e preparar e encaminhar os cristãos na descoberta de seus dons no exercício dos mesmos com uma compreensão adequada. A Igreja não tem autorização para departamentalizar ministérios, hierarquizar funções ou fazer o exercício de ministérios por conveniência; isso será um anacronismo na Igreja que na verdade tem sido um ato de desobediência a vocação da Igreja, John Owen sugere isto quando diz: "A Igreja não tem poder para nomear alguém para uma função ministerial, se Cristo não se antecipou à sua indicação concedendo-lhe dons espirituais".

A teologia cristã afirma que todo membro do corpo de Cristo tem um ministério a cumprir, todos são chamados a se engajarem no serviço do Reino de Deus; os dons e ministérios recebidos tem a ver com a vocação que Deus designou para cada um exercer, seja ambiência eclesial, seja fora dela, o propósito, contudo, será o mesmo, a glória de Deus.

I

FUNDAMENTOS DA VOCAÇÃO

1.1. CONCEITOS

Toda palavra usada tem uma raiz semântica que pode ajudar na compreensão daquilo que o vocábulo pretender expressar; naturalmente é preciso ir mais além uma vez que estes enfoques geralmente objetiva atender a uma curiosidade imediata.

a) Enfoque Linguístico. Conforme o Aurélio Buarque de Holanda a palavra vocação significa: 1. Ato de chamar; 2. Escolha, chamamento, predestinação; 3. Tendência, predisposição, pendor; 4. Talento, aptidão.

b) Enfoque Etimológico. A palavra vocação deriva do verbo latino *vocare*, que significa simplesmente “chamar”. Ela é, pois a tradução do termo *vocatione*, que por sua vez quer dizer chamado, chamada, convite, apelo. Por detrás de todos esses termos está a raiz *vox*, *vocis*, isto é, voz. Portanto, vocação quer dizer tão-somente chamamento ou chamado.

Na literatura neotestamentária, a palavra vocação tem origens gregas no verbo *Kaleo* e suas variações (o subst. *Klêsis* e o adj. *Kletós*). O verbo *kaleo* significa eu chamo, nomeio, convoco. (Ef 4:6). O substantivo *Klêsis* significa chamado, convite. (1 Co 1:26). O adjetivo *Kletós* significa chamado, convocado. (Rm 1:6). O termo *Kaleo* surge no N.T. 148 vezes e a palavra *Klêsis*, onze. Paulo usa *Kaleo* 29 vezes, *Klêsis*, oito e *Kletós*, sete. (COENEN; BROWN, 2000). Portanto na literatura neotestamentária a palavra vocação tem mais a ver com uma origem externa do que com uma aptidão, gosto pessoal ou inclinação natural, isto, naturalmente, deve ser considerado, porém é consequência e não causa.

c) Enfoque Antropológico.

Muito embora iniciativa da vocação parta de Deus, não sendo uma mera inclinação humana, não obstante, Deus provê os recursos, dons e talentos para que o homem possa ter condições de responder ao seu chamado. (Mt 25:14-30).

Quem é chamado não perde sua liberdade pessoal, mas de certo modo com sua participação pessoal configura a própria vocação, pela mediação de sua experiência de fé e de sua capacidade de discernir, junto com a comunidade eclesial, as formas concretas que deve assumir sua missão de serviço na Igreja e na história dos homens.

Como resposta ao chamado de Deus a vocação deve ser vista na perspectiva do serviço. Ela requer doação, disponibilidade, entrega. Essa prontidão muitas vezes quer dizer renúncia a tendência e desejos bons. Renunciar não só contravalores, mas também valores, a qualidades e aptidões.

d) Enfoque Teológico.

A vocação é o chamado de Deus dirigido a toda pessoa humana, seja em particular, seja em grupo, em vista da realização de uma missão em favor de seus propósitos. De maneira mais restrita; é o chamado de Deus em Jesus Cristo, pelo qual o homem é separado da vida do mundo sem Deus, para vida de Deus a serviço do mundo, recebendo o poder de testemunhar no Espírito Santo essa nova vida. Américo J. Ribeiro resume esse pensamento da seguinte maneira: Vocação é o chamado de Deus ao homem para que ele primeiramente, se torne parte do corpo de Cristo, que é a Igreja, e em segundo lugar, para que o sirva em todas as suas relações com o próximo (RIBEIRO, 1987, p.24). Todo ser humano é vocacionado em especial o redimido por Cristo.

1.2. ORIGEM

A origem da vocação está na comunhão trinitária; é o Deus Triúno quem chama, aplica e efetua. Cada vocação está ligada ao desígnio do Pai, à missão do Filho e a obra do Espírito Santo (At 20:28, Tg 1:17). Louis Berkhof resume esse pensamento da seguinte forma:

A nossa vocação é obra do Deus Triúno. É primeiramente uma obra realizada pelo Pai. Mas o Pai faz todas as coisas por meio do Filho; e, assim, esta vocação é também atribuída ao Filho. E Cristo, por sua vez, chama por meio de sua Palavra e do seu Espírito. (BERKHOF, 1992, p.459)

Deus é fonte e origem de toda vocação. Sendo Deus uma unidade composta, relacional, do encontro, da autocomunicação; nesta origem a nossa vocação é definida e dinamizada em sua ação, não existindo para si mesmo, mas para um propósito coletivo e superior.

1.3. DISTINÇÕES GERAIS DA VOCAÇÃO

No ambiente da Igreja geralmente se entende vocação como um chamado para servir em determinadas áreas espirituais da Igreja, porém ela é mais profunda que isso.

a) Vocação Fundamental

Diz respeito ao chamado a salvação, a filiação espiritual de Deus, a tornar-se Igreja e participar do Reino de Deus; é um chamado universal. (Is 55:1, 45:22, Mc 16:15). A vocação divina consiste fundamentalmente no ser e não no ter e no fazer (Mc 3:13-15).

b) Vocação Específica

Diz respeito ao chamado específico que cada ser humano possui de servir a criação de Deus, seja no âmbito da Igreja, seja fora dela.

1.4. AS DIMENSÕES DA VOCAÇÃO

Segundo a Bíblia a vocação ocorre primeiro no chamado para receber a salvação em Cristo e agregar-se a família de Deus em santificação. Só depois é que vem a convocação para servi-lo.

a) Vocação Redentora - Para Salvação e Santificação (2 Ts 2:13, Rm 8:29-30, Ef 1:4, 1Tm 6:12).

Essa vocação redentora é oferecida a todos. Entretanto somente aqueles a quem Deus conheceu, elegeu e chamou são capazes de apropriar-se dela.

b) Vocação Evangélica - Para Servir a Deus e a Igreja (2 Co 5:18, Rm 1:5, Rm 15:15-16, Ef 4:11-15).

A vocação evangélica é o chamado de Deus para servir em alguma atividade especificamente relacionada ao evangelho, visando edificar a Igreja e proclamar ao mundo as boas novas de redenção.

c) Vocação Designativa - Para Cumprir os Desígnios Divinos na História (Ef 1:11, Ap 17:17, Is 10:5-6, Êx 14:4, Ed 1:1).

Deus tem um governo absoluto sobre todas as criaturas e sobre os seus atos. Por isso ele pode, eventualmente, que eleitos e, ou, não-eleitos o sirvam com ações isoladas e temporárias para o cumprimento de seus soberanos propósitos na história.

- Faraó (Êx 14:4, Rm 9:17)
- Ciro e Atarxerxes (Ed 1:1-2, Is 44:28)
- Daniel (Dn 3; 5 e 6)
- Ester (Et 4:13-17)
- Judas Iscariotes (At 1:16)
- Pilatos e Herodes (At 4:26-28)

d) Vocação Profissional - Para Servir o Criador na Criatura (Êx 31:1-5, Rm 13:1, 4, 6).

A vocação divina não se limita área eclesiástica. Deus não convoca somente pastores e missionários. Seu chamado é extraordinariamente abrangente. Tanto salvos como não-salvos são chamados para servi-lo em áreas profissionais especializadas, em favor do homem, da Igreja e da sociedade. É vontade divina que se cuide bem da criatura.

1.5. OS ESTILOS DA VOCAÇÃO

Entendemos por estilo de vocação um tipo específico de atividade que Deus determina, com características peculiares. A vocação que vem do Senhor não se prende a um padrão de procedimento; ao contrário é muito amplo. Deus cria muitas áreas de ação no ministério.

Em criando o homem, Deus o chama a trabalhar... Não é, porém cada um chamado ao mesmo trabalho. É, pois, preciso que cada ser execute a obra que Deus lhe dá, para que com ela se entusiasme e nela se satisfaça. (BIÉLER, 1990, p.527).

Entre os escritores bíblicos neotestamentários, Paulo destaca-se no desenvolvimento dessa questão, deixando um rico material em suas epístolas, principalmente as de 1ª Coríntios e Efésios. Segundo o apóstolo havia na Igreja do primeiro século uma ampla variedade de funções resultantes do chamado divino. (1 Co 3:5-6, 12:4-11).

a) Os Estilos do Antigo Testamento - Estilos de Anteontem

Ao estudarmos as vocações do A.T., encontramos Deus chamando de forma relativamente variada. Alguns desses estilos não prevaleceram no N.T., não prevalecendo hoje ou sofreram adaptações próprias da nova aliança.

- Sacerdote - Era o representante do homem junto a Deus. (Êx 28:1, Ed 7:10)
- Profeta - O representante de Deus junto ao povo. (Jr 1:5,7; 7:25)
- Juiz - Julgava as causas do povo, fazer justiça e tomar decisões administrativas. (Ed 7:25, At 13:20)
- Rei - Governar o povo, providenciar seu bem estar e protegê-lo. (Dt 17:14-20)
- Líder - Orientar e guiar o povo de Deus. (Moisés, Josué, Zorobabel e Neemias)
- Profissional - Dotados de habilidades mecânicas, intelectuais e científicas em favor do Reino de Deus. (Êx 31:1-7)
- Escriba e escritor - Dotados de conhecimentos intelectuais e chamados especialmente para escrever. (Êx 24:4, 34:27, Hc 2:2)

b) Os Estilos do Novo Testamento - Estilos de Ontem

- Sacerdote - O N.T. faz referência a sacerdotes, porém aqui já está em processo de transição. (Lc 1:5-6, 8; Hb 5:1-2)
- Apóstolo - O apóstolo era aquele que, tendo visto Jesus ressuscitado, recebeu dele autoridade especial para a importante tarefa de, como enviado, dar testemunho de sua ressurreição, sua vida, sua obra e seus ensinamentos (At 4:33, 1Co 12:28, Ef 4:11).
- Profeta - O profeta do N.T. era, como no A.T., vocacionado para receber uma palavra diretamente de Deus, por revelação, para a edificação da Igreja. (1Co 12:28, Ef 4:11)
- Mestre - Eram chamados, especialmente, para ensinar e transmitir o Didaquê, isto é, os preceitos e mandamentos das Escrituras Sagradas, os oráculos de Deus que, naqueles dias, constavam dos livros canônicos do A.T. (Ef 4:11-12, Rm 12:7, 1Pe 4:11)
- Líder - O líder orientava e prestava assistência. Paulo se refere a este dom quando diz: "Se o seu dom é... Exercer liderança, que exerça com zelo" (Rm 12:7-8, NVI). Ver. At 15:22.
- Evangelista - O evangelista era aquele que recebia de Deus a incumbência específica de proclamar as boas novas ao mundo. (Ef 4:11, 2Tm 4:11, At 21:8).
- Presbítero - O presbítero era chamado para participar do governo de uma igreja local e de sua assistência. Sua missão confundia-se com a do supervisor ou superintendente (episkopos). (1Pe 5:1-2, At 14:22-23; Tt 1:5, Tg 5:14, 2 Jo 1, 3 Jo 1, 1 Tm 3:2-7).
- Diácono - O tinha um chamado especial para servir. Sua função tinha variadas formas. A que mais se destaca no N.T. é a de servir às mesas, isto é, cuidar da administração material da igreja e da assistência aos necessitados. (At 6:1-3, 1Tm 3:8-10, 12-13).

c) Os Estilos Atuais - Estilos de Hoje

Encontramos nas páginas do N.T., uma significativa variedade de estilos de vocação, alguns novos e outros semelhantes aos do A.T., adaptados à nova aliança, examinemos os principais:

- Pastor, pastora
- Presbítero, presbítera
- Diácono, diaconisa
- Missionário, missionária
- Mestre, mestra
- O líder, a líder
- O pára-eclésiástico (Abrigos, ofanatos, Ass. social, cursos técnicos etc.)
- O evangelista, a evangelista

1.6. O ALICERCE DA VOCAÇÃO

Existem nas escrituras elementos fundamentais que são o alicerce da vocação que não deve ser ignorado, estas convicções vocacionais precisam estar firmadas em terreno firme; caso contrário, ruirão quando vierem os vendavais da vida.

a) A Vocação é Soberana - Um Ato da Vontade Livre e Pessoal de Deus.

A vocação não procede da inclinação ou arbítrio humano. Não acontece por força de algum destino fatalista. Surge da determinação divina pessoal, isto é, Deus chama seus servos como e quando lhe apraz. (At 20:28, Ef 4:11).

- Abraão (Gn 12:4)
- Moisés (Êx 3:10; 4:12, 19; 3:13-15)
- Arão e seus filhos (Êx 28:1, Hb 5:4)
- Davi (1Sm 16:12, At 13:36)
- Jeremias (Jr 1:5-7)
- Amós (Am 7:14-15)
- João, Tiago e os demais apóstolos (Lc 6:12-14)
- Paulo (1Tm 1:1, At 9:5-6, 15, 17; 1Tm 1:12-17)

c) A Vocação é Graciosa - Um Ato da Vontade Benevolente de Deus.

Além de não se basear na vontade humana a vocação também não se firma no mérito humano. O mérito da vocação não está nem no vocacionado nem na igreja, mas no Deus que chama. A vocação vem a nós por intermédio da graça em Cristo Jesus, por uma vontade benevolente e misericordiosa concessão divina. (Rm 12:6, 1 Co 1:26-29, 2 Tm 1:6-11). O chamado de Deus é apesar de nós e não por causa de nós.

d) A Vocação é Preordenada - Um Ato da Vontade Eterna de Deus.

O chamado divino não é uma decisão atual, tomado no tempo presente, tampouco improvisada. O chamado divino procede de épocas remotíssimas, eternas anteriores a existência do mundo. Deus preordenou, naquela eternidade, quem haveria de servi-lo,

como e quando faria, contudo, só tornou conhecida essa predeterminação no espaço de tempo de vida de cada um dos vocacionados. (Jr 1:5, Ef 1:4, 2 Tm 1:9, Gl 1:15-17).

e) A Vocação é Objetiva - Um Ato da Vontade Programada de Deus.

Deus tem propósitos pessoais bem definidos, no uso de sua autoridade determina onde e quando e como quer que seus servos o sirvam. (1Pe 2:9, Jo 15:16, 1 Co 12:4-7,18,24,28-30).

f) A Vocação é Irrevogável - Um Ato da Vontade Irreversível de Deus.

As decisões de Deus, predeterminada na eternidade, não se firmam jamais na vontade oscilante e mutável do homem, sempre sujeita a enganos; baseiam-se, como já vimos em sua soberania precisa e absoluta. Essas decisões são irreversíveis. (Rm 11:29, Tg 1:17-18)

g) A Vocação é Eficaz (Considerando livre-arbítrio) - Um Ato da Vontade Persuasiva de Deus.

Os teólogos têm dificuldades em harmonizar a soberania determinativa de Deus com o livre-arbítrio. Uns dizem que o livre-arbítrio existe, mas a vocação eficaz o vence e desfaz por completo. Outros afirmam que o livre-arbítrio não existe, já que a vocação eficaz acaba por desfazê-lo. Terceiros declaram que o livre-arbítrio deixou de existir no momento da queda do homem. Anular totalmente o livre-arbítrio é desfigurar parte da obra criadora de Deus, criada a sua imagem e semelhança. Por outro lado não se pode negar o poder de persuasão de Deus na vocação de maneira que essa sempre se torna eficaz (Jó 42:2, Rm 9:19). Por força do livre-arbítrio inicial, o homem pode até relutar e tentar fugir ao chamado. De alguma forma se comportaram Moisés (Êx 3:11,13;4:1,10), Jeremias (Jr 1:6), Isaías (Is 6:1-8), Gideão (Jz 6:11-40), Jonas (Jn 1:1-3) e outros. Contudo a história demonstra que no final sempre predominou a vocação eficaz.

II

VOCAÇÃO EM SUA EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA

2.1. A HESITAÇÃO E A RENITÊNCIA NA VOCAÇÃO

Como vimos, na fase inicial do processo da vocação, o homem pode relutar, tentar fugir e até recusar o chamado divino. A vontade divina, contudo, prevalecerá sobre a humana. Vejamos alguns exemplos:

- Moisés (Êx 3:10-15, 4:10-14)
- Jeremias (Jr 1:1-10)
- Gideão (Jz 6:11-16, 37-39)
- Jonas (Jn 1:1-3, 3:1-3)

Algumas considerações são importantes para compreendermos a vontade soberana de Deus e a resposta humana em face dela.

a) O livre-arbítrio inicial em relação a vocação existe como uma característica da personalidade e da vontade humana, decorrente do ato divino criador, mesmo num contexto de depravação total. Contudo o homem não pode resistir por muito tempo a força da vocação eficaz.

b) Não devemos pensar que o Senhor simplesmente nos obriga o que a sua vontade pessoal determina, sendo isso do nosso agrado ou não. Seu querer soberano prevalece, sim, mas por meio de uma ação eficiente e amorosa do Espírito em nossa consciência, de maneira que passamos a servi-lo com prazer e gratidão

c) Assim como há um livre-arbítrio há uma vocação eficaz, e no confronto das duas prevalece sempre esta última. O que os teólogos acham difícil é conciliar o livre-arbítrio com a vocação eficaz. É dizer onde um termina e começa o outro.

d) Desse modo não há como dizermos “não” a Deus. O homem resiste temporariamente, mas o Senhor insiste e persuade. O que é inquestionável em tudo isso é que a soberania divina suplanta essa liberdade de modo tal que a faz parecer inexistente.

2.2. OS SINAIS DA VOCAÇÃO

2.2.1. Sinais Duvidosos

a) A Tradição Familiar e Influência de Terceiros - Apesar de eventualmente ocorrer muitas pessoas com a mesma vocação numa família, o chamado divino é individual e não hereditário, embora ocorra em ambiente eclesial. A influência de irmãos piedosos incentivando a ministérios pode ou não ser indícios da vontade divina, contudo deve-se ter muito cuidado com isto.

b) A Relativa Facilidade de Aprovação em Vestibulares Teológicos - Alguns têm entendido a aprovação relativamente fácil em vestibulares teológicos como um sinal do chamado divino. Tal atitude revela uma certa imaturidade em termos de conhecimento de

vocação. As facilidades que surgem na vida prática nem sempre são de efeito positivo; podem até desviar-nos do caminho certo.

c) A Frustração e o Insucesso Profissional - Alguns consideram o insucesso profissional como uma forma divina de persuasão da verdadeira identidade vocacional, apesar de isto ser possível, porém tudo deve estar dentro de um contexto e uma sequência de outros fatos, e não isoladamente.

d) A Mera Existência de Certas Qualificações Naturais - Comunicação, liderança, erudição, oratória, simpatia, entusiasmo, humildade, iniciativa, criatividade – aspectos que alguns classificam como “dons pastorais” – São qualificações naturais necessárias a um pastor, mas isoladamente não constituem uma prova conclusiva de vocação pastoral. Esses mesmos atributos são importantes em outras atividades, como o magistério a advocacia, a política, a administração de empresas, a carreira diplomática etc. Num conjunto amplo, entretanto, essas habilitações naturais podem estar inseridas nos sinais autênticos.

e) A Atração Pelo “Status” Eclesiástico - Títulos honrosos, poder presidir ou supervisionar áreas eclesiais, contar com a admiração do povo, tudo isso pode motivar e atrair, equivocadamente, o coração de alguém ao ministério.

f) A Sedução Por Alguma Vantagem Material - O ministério pastoral (ou qualquer outra vocação religiosa) não é profissão, é missão divina. Não obstante, seu tipo de atividade liberal pode tornar-se um atrativo profissional.

g) Dedicção do filho pelos pais ao nascer – Alguns pais piedosos dedicam os filhos a Deus antes mesmo do nascimento ou logo após o parto. Essa consagração é uma bela e significativa atitude. Todavia pode ser desaconselhável quando feita, por exemplo, em termos explícitos de atividade pastoral ou missionária (ou qualquer outro trabalho).

2.2.2. Sinais Autênticos

a) Uma Intensa Compulsão Interior - Em todos os níveis de vocação, especialmente os espirituais, o Espírito de Deus opera eficazmente na consciência do indivíduo, convencendo-o que há um chamado divino para ele. Essa operação contínua transforma-se numa insistente compulsão interior irresistível, que atingindo seu objetivo, conduz a plena convicção. Nesse caso a pessoa não encontra paz enquanto não cede a essa força interna e diz sim a Deus.

b) Um Crescente e Intenso Interesse Por Necessidades Espirituais - Quem está sendo movido por Deus não fica frio e indiferente às necessidades das pessoas, ao contrário existe um profundo anseio por ver as pessoas encontrando-se com Deus, bem como ver uma comunidade conhecendo melhor a Deus por sua Palavra.

c) Uma Inquietante Conscientização da Falta de Obreiros - O vocacionado compreende e participa da ansiedade daqueles que constatarem a carência das comunidades e a atualidade das palavras de Cristo “a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.” (Lc 10:2)

d) Uma Comprovada Aptidão Natural Para o Trabalho - Apesar de uma aptidão natural constituir prova conclusiva de uma vocação autêntica; contudo sem dúvida, deve acompanhá-la. Tanto o testemunho interno como externo e prático deve ser considerado. Deus concede aqueles a quem chama não apenas atributos naturais, mas também dons especiais o dotando de autoridade, amor, intrepidez.

e) Uma Percepção Gradual da Natureza Específica da Vocação - No início do processo vocacional, podemos não está muito seguros quanto a natureza específica da nossa vocação. Acreditamos que estamos sendo chamados, mas ainda não sabemos exatamente para quê. Isso é natural. No entanto as operações graduais do espírito de Deus confirmarão o chamado esclarecendo esses aspectos.

f) Uma Persistente Vitória Sobre os Obstáculos à Vocação - Na trilha do vocacionado muitos podem ser os obstáculos que pressiona e desafia o seu chamado, mas a tenacidade com que o candidato enfrenta tais dificuldades pode ser um forte elemento indicador da autenticidade de sua vocação.

2.3. A HORA DA VOCAÇÃO

Existe vocação tardia? Do ponto de vista linguístico, vocação tardia é convocação divina que chega a nós fora de tempo, com atraso. Isso, entretanto, se contrapõe ao ensino bíblico. Os projetos de Deus são pré-elaborados na eternidade e são dados a conhecer no exato momento em que ele mesmo programa, segundo a sua soberana vontade. Assim sendo, sob a ótica teológica, não existe o que chamamos de vocação tardia. Temos na história bíblica alguns exemplos de vocações que, do ponto de vista humano, chamaríamos tardias.

- Noé - Quando Deus o chamou para construir uma arca a fim de se salvar do dilúvio, Noé já era patriarca de uma família (Gn 6:18). Noé não era necessariamente um velhinho, mas também não era um jovem. Pedro acrescenta a história do Gênesis a informação de que Noé era pregador da justiça (2Pe 2:5). Teria sido essa a sua vocação tardia – anunciar a justiça de Deus e a convidar o povo rebelde que se arrependesse enquanto se construía a arca? Certamente o exercício de sua vocação chegou no momento oportuno.
- Abraão - Abraão viveu 175 anos. Tinha 75 quando Deus o chamou para ser o pai de uma grande nação e através dele abençoar todas as famílias da terra. (Gn 12:1-9; Rm 4:11-12; Hb11:8-10). Por razões reservadas apenas a Deus Abraão só conheceu sua vocação aos 75 anos.
- Moisés - Moisés viveu 120 anos (Dt 34:7). Segundo Estevão sua existência teve três distintas etapas de 40 anos cada (At 7:23,30,36). A primeira ele passou no Egito (At 7:20-23, Êx 2:10). A segunda viveu como peregrino na terra de Midiã (At 7:29, Êx 2:15). A terceira, esteve no deserto, conduzindo Israel a terra prometida (At 7:36).
- João Batista - O profeta Malaquias já dissera no A.T. que João seria precursor de Cristo. Ele viria no espírito de Elias (Ml 4:5-6, Mt 11:13-14,17:10-13, Lc 1:17). Passaram-se muitos anos antes que esses fatos se cumprissem. E mesmo quando apareceu a Zacarias anunciando o nascimento de João suas palavras foram claras

quanto ao tempo de Deus para o exercício dessa vocação “se cumprirão no tempo oportuno” (Lc 1:20).

- Jesus - O judeus esperaram ansiosamente por longos anos que o Cristo, o Messias enviado de Deus, entrasse em ação. Entretanto ele só apareceu no tempo predeterminado, na plenitude dos tempos, aos 30 anos.
- Paulo - Paulo era contemporâneo dos 12 apóstolos, mas só veio encontrar-se com Cristo e conhecer sua vocação alguns anos mais adiante, como “por um nascido fora de tempo” (1Co 15:8). Contudo o tempo e o espaço estavam sob o absoluto domínio divino. O fato de sua vocação não ter sido conhecida na mesma ocasião que a dos apóstolos não se tornou tardia, o chamado foi revelado dentro da normalidade dos propósitos divinos “15 Mas Deus me separou desde o ventre materno e me chamou por sua graça. Quando lhe agradou 16 revelar o seu Filho em mim para que eu o anunciasse entre os gentios,...” (Gl 1:15-16)

2.4. A PARTICIPAÇÃO HUMANA NA VOCAÇÃO

Sendo a Igreja o corpo de Cristo, a Igreja tem importante participação no processo vocacional. Ela é o mecanismo externo da vocação.

a) Um Chamado Comunitário Corporativo - Embora a chamada (Klêsis) de Deus se enderece ao indivíduo nunca diz respeito somente a ele, Deus chama indivíduos de dentro da Igreja, mediante a Igreja, para Igreja e, por meio dela, para o mundo. A vocação corporativa é o contexto dentro do qual o indivíduo é chamado, Deus chama os homens, não a uma relação unilateral com Ele, mas corporativa com todos os crêem o chamado ao indivíduo é para que ele seja parte de uma comunidade e não para viver isoladamente Deus chama seus filhos para o seio da família da fé, chama para serem membros fiéis dessa família e para servi-lo na ordem da criação. (Êx 28:1, Dt 18:5, Cl 3:15).

b) Um Chamado Confirmado Através da Igreja - Vimos anteriormente que a vocação é confirmada internamente pela atuação do Espírito Santo na consciência pessoal do vocacionado. Todavia deverá confirmar-se ainda pela atuação externa da Igreja, no seio da qual somos chamados. Ao se tornarem claras e definidas a chamada e a direção de Deus, far-se-ão perceptíveis certas expressões do dom e do ministério que no futuramente se exercerá, os colegas ministros e os cristãos em geral notarão a chamada de Deus que repousa sobre nós. Alguns exemplos de vocação confirmada pelo povo de Deus são sugeridos nas Escrituras:

- Samuel (1Sm 3:20-21)
- João Batista (Lc 20:3-6, Mt 14:5)
- Jesus (Mt 21:45-46)
- Paulo e Barnabé (At 13:1-3)

c) Um Chamado Assistido Pela Igreja - Quando um jovem insiste em dizer que Deus o está chamando, os líderes e a Igreja devem hipotecar-lhe apoio moral e espiritual, orar por ele e com ele, dar-lhe um voto de confiança, conceder-lhe oportunidades de demonstrar publicamente a sua vocação, deixa-lo compartilhar seus sentimentos e convicções, dizer-lhe palavras de estímulo, otimismo e entusiasmo.

d) Um Chamado Como o Apoio da Família - Esse apoio familiar deve incluir a participação da esposa. Ela precisa caminhar lado a lado com o marido e encarar o chamado dele como, de certo modo também.

2.5. OS PILARES DA VOCAÇÃO

a) Conversão - A primeira vocação é ser antes de fazer. (Jo 12:26) Instruindo os discípulos antes de começarem sua tarefa apostólica, Jesus, advertiu-os dizendo-lhes que eles deveriam passar pela experiência fundamental da conversão; precisavam ter o evangelho dentro de si mesmos para que não se assemelhassem ao sal insosso (Mc 9:50).

b) Convicção - O candidato a vocação deve ter a plena convicção sobre onde, quando e para o que Deus o chamou, a vocação tem um caráter muito pessoal; e o principal envolvido deve ser também o principal consciente a respeito do seu chamado.

c) Obediência - O vocacionado precisa obedecer, não deve apresentar desculpas como não creio, não quero, não posso, não vou, manda outro em meu lugar, não tenho dons apropriados, tenho medo etc. O chamado divino é profundamente persuasivo mesmo para os mais renitentes.

d) Santidade de Vida - Uma relação sadia com Deus com os outros e consigo mesmo é um fundamento indispensável para o exercício da missão do vocacionado.

e) Humildade - A vocação é um chamado a servir vanglória, ostentação, orgulho está na contramão da natureza essencial da vocação.

f) Dedicção - Quando Deus nos vocaciona Ele quer que façamos a tarefa para a qual nos comissionou com todo zelo, fidelidade e responsabilidade dispondo todo o tempo possível para a sua causa.

g) Trabalho - A vocação divina não é de natureza contemplativa, reclusa, monástica, ociosa. O Senhor não chama indivíduos e comunidades para a clausura permanente, mas para o trabalho dinâmico. Deus convoca indivíduos ocupados ou para se ocuparem. Ele não dá emprego, mas serviço.

h) Amor - O vocacionado precisa amar as pessoas se interessar e muitas vezes se angustiar pelas necessidades das pessoas. Lutero ensinava que a vocação não deve se manifestar pura e simplesmente como uma forma de trabalho. Deve ser exercida com amor.

i) Preparação - O fato de Deus conceder dons especiais para o desempenho da missão não isenta ninguém de se preparar e aperfeiçoar-se para o bom exercício de sua vocação.

2.6. A CRISE NA VOCAÇÃO

a) A Fragilidade da Natureza Humana - O homem foi feito a imagem e semelhança de Deus, mas o pecado deformou e desequilibrou integralmente este ser humano e mesmo sendo um salvo continua pecador com uma natureza sujeita a instabilidade. Não há super homens e mesmo um pastor está sujeito a crises, desânimos, depressão, interrupção de atividades, consciência de culpas e até males maiores.

b) Demora dos Resultados - Todos nós queremos perceber o resultado de nossa semeadura colhê-los, contabilizá-los, regozijar-nos neles. Nada mais justo. Contudo quando não vemos o fruto de imediato ficamos confusos, hesitantes, em crise.

c) O Descuido Espiritual - O servo de Deus obtém o sustento espiritual na comunhão pessoal com Cristo, mantida pelo cultivo de práticas devocionais constantes e da capacidade de absorção da justiça de Cristo. Se ele é sobrecarregado de atividades, negligencia esta área está sujeito a crises.

d) A Desmotivação - Quando o servo de Deus não é entendido em seus projetos e ideais, é fato que ele se sente triste e solitário, perde o entusiasmo e motivação e as vezes começa a questionar se na verdade foi chamado para aquela missão.

e) O Estresse - Os psicólogos e psiquiatras são unânimes em afirmar que o estado de espírito afeta as funções vitais do organismo e que algumas funções do corpo exercem significativa influência sobre o estado do espírito. O homem corpo-e-alma é um todo único, criado integral, quando uma das partes sofre, o todo sofre. As vezes a crise vocacional pode não estar relacionada a convicção pessoal ou a espiritualidade. A vocação existe e é real Mas a fadiga corporal e a debilidade psíquica criam um clima propício a dúvida e ao desânimo, gerando a crise. Nesse caso é preciso cuidar primeiro do corpo e depois do espírito ou dos dois ao mesmo tempo se possível.

f) A Superficialidade das Bases da Vocação - A consciência vocacional não pode está em bases superficiais, pois dificilmente suportará as tensões próprias da missão alguém acostumado a conforto, a muita tranquilidade, a proteção familiar pode não suportar quando os ventos soprarem com ímpeto.

III

A TEOLOGIA DA VOCAÇÃO E OS MINISTÉRIOS BASEADOS EM DONS

3.1. A NECESSIDADE DO DESENVOLVIMENTO DOS MINISTÉRIOS BASEADOS EM DONS.

O Novo Testamento deixa claro que os dons, embora distinga da vocação, estão profundamente ligados à vocação, os dons são determinados pela nossa vocação. O funcionamento da Igreja era pretendido pelos apóstolos mediante o exercício dos dons de cada membro “servi uns aos outros conforme o dom que cada um recebeu...” (1Pe 4:10). As razões para isto são:

3.1.1. A Natureza e Variedade dos Dons (1Co 12:1-10,28; Rm 12:6-8, Ef 4:11, 1Pe 4:10)

Em 1 Coríntios 12:4-6, Paulo declara: "Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos." O objetivo do apóstolo é enfatizar que, mesmo os dons sendo diversos, há um só Doador. Os dons têm um tríplice aspecto: São “charismata”, “diakonia” e “energémata”. Com isso, Paulo fala sobre: Origem dos dons; o modo como atuam; a finalidade dos dons.

- Quanto à origem dos dons = Os dons são “charismata”, manifestação concreta de “charis” graça divina. A graça de Deus é a origem de todo dom.
- Quanto à sua finalidade = Os dons são “diakonia”, objetiva o serviço. O cristão não é chamado apenas para consumir recursos, mas para acrescentar à vida.
- Quanto ao seu modo de atuar = Os dons são “energémata”, isto é, energias, atividades ou poderes, que o mesmo Deus "energiza" ou "inspira" (energôn).

Juntando estas três palavras, talvez possamos definir dons espirituais como "certas capacidades, concedidas pela graça e poder de Deus, que habilitam pessoas para serviços específicos e correspondentes". Um dom espiritual é, portanto, não a capacidade em si, nem um ministério ou função propriamente dito, mas a capacidade que qualifica uma pessoa para um ministério.

a) Diversidade de ministérios. Quando os escritores do Novo Testamento falam sobre a Igreja, com frequência eles contrastam sua unidade com sua diversidade. As duas características são obra do Espírito Santo. A Igreja é uma, porque o Espírito habita em todos os crentes. A Igreja é multifacetada, porque o Espírito distribui diferentes dons aos crentes, os dons do Espírito diversifica o ministério da Igreja.

b) Todos os cristãos são chamados a ministrar. O N.T. também afirma que a cada cristão é dado um dom, de modo que, não há ninguém que tenha todos os dons ou nenhum dom, Deus não objetiva dependência nem independência, mas interdependência.

c) O ministério específico é determinado pelos dons. Toda vez que Deus nos dá uma missão, ele nos equipa com o que precisamos para realizá-la, de maneira que a vocação pessoal determina os dons que temos.

3.1.2. Os Dons São Bíblicos e Contemporâneos.

Esse é um assunto que é objeto de muita discussão e controvérsias, os dons ainda são dados hoje? Quantos dons são dados? Se limita apenas aos registrados na Bíblia ou é possível outros? Há muitas tendências na Igreja cristã.

Existem algumas tendências polarizantes em relação aos dons espirituais:

- a) Tendência Pentecostal: Crer na contemporaneidade dos dons; todavia, tende a enfatizar os dons extraordinários em detrimento dos ordinários.
- b) Tendência Tradicional: Tende a negar a contemporaneidade dos dons. Os tradicionais geralmente crêem que os dons são bíblicos; porém, não são para os nossos dias. Essa posição, ao contrário da posição pentecostal, enfatiza os dons ordinários em detrimento dos extraordinários.
- c) Tendência dos Teólogos Liberais: Para teologia liberal os dons nem são bíblicos, nem tampouco contemporâneos

A instrução dos apóstolos concernentes aos dons sugere a contemporaneidade dos mesmos, porém não se pode negar que alguns não atuam com a mesma “energémata”, energia ou o mesmo modus operandi, a exemplo; o dom apostólico e profético.

3.1.3. A Mordomia Cristã Será Cobrada de Acordo Com o Dom Recebido - (1Pe 4:10)

3.1.4. Nas Escrituras, Espera-Se Que Nos Comprometamos Com Os Nossos Dons E Ministérios - (1Tm 4:14 e 2 Tm 1:6)

3.1.5. A Bíblia Apresenta A Igreja Em Termos Mais Carismáticos Que Institucionais.

- a) Por esta razão a estrutura organizacional da Igreja deve ser construída sobre os dons espirituais.
- b) Por esta razão também a liderança da Igreja deve ser baseada no exercício dos dons espirituais.

3.1.6. O Nosso Ministério Será Melhor Direcionado.

3.1.7. É o Único Meio de Transformar o Conceito Reformado do Sacerdócio Universal dos Crentes Uma Realidade Eclesiástica - (1Pe 2:5, 9)

3.2. TRANSFORMANDO MEMBROS EM MINISTROS PARA O EXERCÍCIO DE SUAS VOCAÇÕES.

Como transformar membros em ministros?

- a) O contexto mais apropriado é o contexto de pequenos grupos;
- b) É preciso mostrar base Bíblica e teológica;
- c) É preciso mostrar com clareza que todos os genuínos crentes são chamados ao ministério (1Pe 2:9-10);
- d) Todo cristão é capacitado para o ministério (1Pe 4:10);
- e) Todo crente é autorizado para o ministério;

- f) É preciso re-formar ou re-trabalhar toda estrutura eclesiástica tradicional aonde os ministérios são baseados em departamentos, e não em dons espirituais; possibilitando assim o descobrimento e o exercício dos dons de cada crente;
- g) É preciso desenvolver na nossa estrutura eclesiástica de ser Igreja, uma liderança capacitadora (Ef 4:11-17).
- h) É preciso ensinar que cada crente é necessário para o ministério;
- i) Cada ministério é importante;
- j) É preciso interdependência no corpo de Cristo